O TRIPEIRO

7.ª SÉRIE - ANO XVIII - N.º 6 JUNHO 1999

PUBLICAÇÃO MENSAL - 850500

PORTE PAGO

A CAPELA FAROL DE S. MIGUEL O ANJO
Contributo para a sua caracterização histórica

COISAS DO PORTO

A MEMÓRIA ÁRABE NO NORTE DE PORTUGAL

MEMÓRIAS DE CARLOS ALBERTO NO PORTO

TRIPEIROS ILUSTRES

UM PORTUENSE NA CORTE DOS CZARES

MEMÓRIAS DE CARLOS ALBERTO NO PORTO

PASSARAM 150 anos desde a morte do Rei Carlos Alberto da Sardenha, na sequência do seu exílio no Porto. Vários artigos foram já escritos sobre este desafortunado Rei, nomeadamente em *O Tripeiro*[1]. Porém, há que relembrar a sua história e dar algumas novas perspectivas sobre as memórias que dele ficaram no Porto.

A HISTÓRIA DE CARLOS ALBERTO

Carlo Alberto Amadeo era filho de uma das casas reinantes mais antigas da Europa — a de Sabóia. Nascido em 1798, foi educado em França e na Suíça. Tornou-se Príncipe Real da Sardenha através do casamento com a Arquiduquesa da Áustria, Maria Teresa Francisca de Toscana. Viveu a sua juventude no meio da tensão entre a hegemonia da Áustria sobre os estados italianos e a ideia de uma Itália unida. Como resultado de várias lutas políticas e militares, em Abril de 1831, Carlos Alberto passou de regente a Rei do estado da Sardenha e, a par da governação, foi acalentando o desejo de uma Itália unificada. Este desejo transformou-se quase numa cruzada Romântica, na linha do que defendia também o Papa Pio IX. Em 1848, Carlos Alberto percebeu que era altura de marchar contra as forças austríacas instaladas em terras italianas. Algumas vitórias retumbantes iniciais não evitaram que, na batalha de Novara, a derrota deitasse por terra o seu ideal de unificação. Carlos Alberto desejou morrer nesse dia. Mas, como isso não sucedeu, optou por abdicar do trono e exilar-se. Estávamos a 24 de Março de 1849.

Acompanhado apenas por dois criados e viajando incógnito, sob o nome de Conde de Barge, rumou a ocidente por terra, certamente com o propósito de só parar quando estivesse bem longe das suas desventuras e da sua terra. Ao longo da viagem, foi várias vezes reconhecido, mas sempre recusou a hospedagem digna de Rei que lhe iam oferecendo. Percorrendo o norte de Espanha, chegou a Vigo passadas três semanas. Mais para ocidente não poderia ir, pois esperava-o o mar e Carlos Alberto estava já muito debilitado, na mente e no corpo. Precisava escolher um local para o seu exílio. Rumou então ao Porto, a cavalo, onde chegou a 19 de Abril.

Porque foi o Porto escolhido? Os vários autores coevos que sobre este assunto escreveram sugerem a importância da cidade e a sua auréola de liberdade. Mas talvez tenham existido outras razões. O Porto era uma cidade nem muito pequena, nem muito grande: o ideal para que o Rei se pudesse afastar do mundo exterior, sem ficar propriamente isolado. Por outro lado, era uma cidade extremamente hospitaleira.

Também no Porto o Conde de Barge não passou incógnito. Aquando da sua chegada, o povo acorreu a rodos para ver a face de um rei e de um herói falado em toda a Europa. O seu aspecto abatido e infeliz comoveu os portuenses.

As autoridades civis, militares e religiosas procuraram recebê-lo com honras reais. Mas ele esquivou-se dessas cerimónias e teve mesmo de interromper um discurso do Presidente da Câmara para reafirmar a sua necessidade de descanso.

Foi então encaminhado para a melhor hospedaria da cidade, que não era sequer luxuosa: a Hospedaria do

QUADRO DO REI CARLOS ALBERTO,
OFERECIDO AO SENADO DO PORTO POR SEU FILHO. 1832
(MUSEU ROMÂNTICO DA QUINTA DA MACIEIRINHA)

Peixe (que fora o palacete dos Viscondes de Balsemão — na actual Praça Carlos Alberto). Aqui permaneceu uma semana.

Muitos lhe ofereceram melhores aposentos: o Paço Episcopal, o Palácio dos Terenas, e até José James Forrester colocou-lhe a sua casa à disposição. Mas Carlos Alberto procurava um local discreto onde pudesse retirar-se. Foi escolhida uma casa na actual Rua de D. Manuel II. Sendo esta ainda muito próxima ao bulício da cidade, Carlos Alberto mudou-se para a bela Quinta das Macieiras, residência de campo da família Ferreira Pinto Basto. Nesta altura, o seu estado de saúde era já muito precário, pelo que nunca mais pôde sair da Quinta.

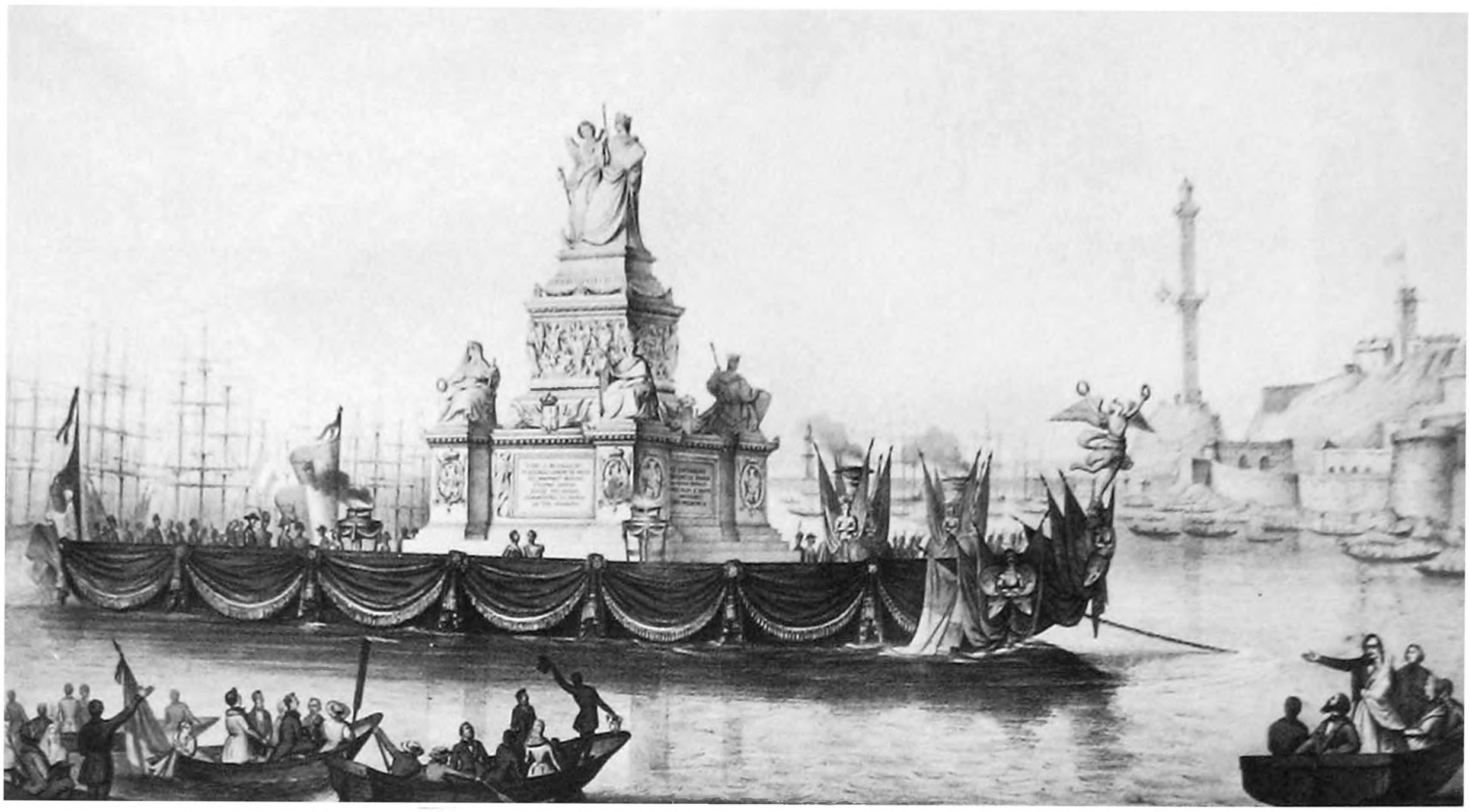
Foi mandado chamar o Dr. Francisco de Assis Sousa Vaz, talvez por ser o médico mais prestigiado na cidade. Este acompanhou o monarca até à morte, que sucedeu em 28 de Julho de 1849 e que consternou profundamente os portuenses.

O cadáver foi embalsamado e, posteriormente, transferido para a Capela de S. Vicente (na catedral), onde permaneceu à espera da trasladação para Itália. Esta trasladação deu-se em Setembro. O cadáver foi conduzido para Génova, onde foi desembarcado num magnífico catafalco, e depois conduzido à sua cidade de origem: Turim.

A maior e mais interessante memória que ficou da passagem de Carlos Alberto pelo Porto é a capela mandada erigir, no terreno em que viriam a ser os jardins do Palácio de Cristal, pela sua meia irmã Frederica Augusta de Montléart. A personalidade desconcertante desta mulher justifica, em grande parte, o carácter extravagante e único da capela que serve de cenotáfio a Carlos Alberto. Actualmente, esta capela está despida do seu carácter fúnebre e encontra-se «perdida» por entre frondosas árvores, quase esquecida dos roteiros turísticos. No entanto, será provavelmente o maior e o mais interessante cenotáfio Romântico existente em Portugal [2].

Dentre muitas outras memórias que nos ficaram do exílio de Carlos Alberto, há que registar as recompensas recebidas então por alguns portuenses mais directamente envolvidos na suavização da agonia de Carlos Alberto. Estas recompensas chegaram em forma de títulos honoríficos, ofertas de objectos pessoais do Rei ou outros objectos com ele directamente relacionados, bem como inúmeras cartas de agradecimento e até gravuras e quadros. Francisco de Assis Sousa Vaz foi um dos que mais

QUARTO DO REI CARLOS ALBERTO
(MUSEU ROMÂNTICO DA QUINTA DA MACIEIRINHA)



CATAFALCO DE CARLOS ALBERTO, AUTORIA DE VARNI,
COM PINTURAS DE DE LEONARDI

agradecimentos recebeu por parte do governo sardo-piemontês, tendo sido então agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem de S. Maurício e S. Lázaro.

Relacionados com Carlos Alberto ficaram também vários documentos manuscritos. O espólio do pintor Joaquim Vitorino Ribeiro, por exemplo, inclui a correspondência entre a Princesa Augusta de Montléart e o Padre António Peixoto Salgado, confessor de Carlos Alberto. Esta correspondência é importante sobretudo para compreender a história da construção da capela de Carlos Alberto.

Há que referenciar também os registos iconográficos que foram feitos na época. Nomeadamente, pelo pintor Gonin, que veio de Itália com o propósito de desenhar os últimos aposentos do Rei exilado.

Mas existe também uma pintura de João Eduardo Malheiro, representando os últimos momentos de Carlos Alberto, da qual se encontra uma cópia no Museu Romântico da Quinta da Macieirinha. Neste Museu existem, aliás, muitas outras representações do Rei, da casa onde passou os últimos dias, da trasladação para Itália e mesmo dos seus feitos militares. Dentre estas representações, destaca-se um quadro a óleo de grandes dimensões, pintado por A. Capisani, representando o Rei, de corpo inteiro. Por estas razões, recomenda-se-lhe uma visita.

Consideremos também a memória colectiva que os portuenses retiveram de todos os tristes acontecimentos que se deram em 1849: o exílio do Rei Carlos Alberto na cidade foi o acontecimento mais marcante que o Porto viveu nesse ano. Só a distância que nos separa dessa época explica o esquecimento em que esses factos caíram no comum dos portuenses. Quantos associarão, hoje, o nome da Praça Carlos Alberto a um Rei?

A Hospedaria onde Carlos Alberto primeiramente pernoitou foi posteriormente adquirida pelos Viscondes da Trindade, que aí fixaram residência. Os Viscondes da Trindade afeiçoaram-se bastante à memória do Rei exilado, como o comprovam a manutenção do que fora o seu quarto como a «Sala Carlos Alberto» e o seguimento atento do processo de construção da capela a Carlos Alberto, bem como a relação estreita que mantiveram com a Princesa Augusta de Montleárt.

Talvez o facto deste Rei ter por ali passado tenha mesmo pesado na decisão de compra do palacete por parte dos Viscondes da Trindade. Aliás, a sala de Carlos Alberto foi por estes nobilitada de modo a tornar-se um dos seus motivos de orgulho. Isto explica — em parte — a sua existência actual, como continuação da sala de baile.

A Sala Carlos Alberto do Palacete dos Viscondes da Trindade, que actualmente alberga alguns dos serviços do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal do Porto, foi sendo enriquecida com várias memórias, sobretudo placas evocativas da passagem de importantes italianos

**MONUMENTO A CARLOS ALBERTO,
NO INTERIOR DO ANTIGO PALACETE DOS VISCONDES DA TRINDADE
(PRAÇA DE CARLOS ALBERTO)**

por aquele local. Porém, o que chama mais a atenção nessa sala é o singelo — mas nobre e muito bem executado — monumento, assinalando o quarto que tinha sido ocupado pelo Rei.

Deste monumento em mármore sabemos ainda muito pouco. Porém, é notória a sua qualidade, inserindo-se numa tipologia bastante incomum, justificável pelo motivo também incomum para que foi erigido. Pretende representar uma espécie de trono memorial. Daí a almofada que sustenta o ceptro e a coroa real [3].

Este monumento possui também um busto de Carlos Alberto, o qual nos remete para uma polémica interessante: Após a morte de Carlos Alberto, o escultor portuense Emídio Amatucci foi incumbido pelo encarregado dos negócios da Sardenha em Lisboa (De Launay) de tirar a máscara em gesso ao cadáver, com o objectivo de produzir um modelo, de forma a enviar algumas cópias para a viúva e família real sarda. Isso foi efectivamente realizado.

Porém, Amatucci conseguiu, a custo, ficar com o modelo original para si, com o propósito de fazer cópias e comercializá-las, algo que o Rei nunca teria consentido. Talvez o facto de Emídio ser filho de um italiano tivesse ajudado a que fosse aberta a excepção, quando outros escultores certamente não desperdiçariam a oportunidade de possuir a máscara original do Rei: o busto de tão importante personagem seria um bom produto de venda para qualquer oficina de escultura, numa cidade que se afeiçoou irremediavelmente a este monarca.

Meses depois, surgiram anúncios à publicação de retratos de Carlos Alberto, facto que obrigou Emídio Amatucci a reforçar que era ele o único a possuir a máscara original do Rei e que iria dar início à produção de cópias. Aparentemente, foram feitas cópias deste busto, no tamanho natural. Porém, não localizamos nenhuma delas. Existirá ainda alguma, «escondida» em alguma casa da nossa cidade?

O busto do monumento da sala Carlos Alberto não deverá ser uma dessas cópias, pois trata-se de uma miniatura. Porém, não descartamos a hipótese de ter sido baseado no tal modelo. Talvez algum leitor d'*O Tripeiro* nos possa ajudar a esclarecer este mistério.

***FRANCISCO QUEIROZ** **

* Historiador de Arte.

NOTAS

(1) Para este artigo foram consultadas, entre outras, as seguintes obras: DA FIENO, Egídio — *Breves noções a respeito da vida, viagem, e morte no Porto de Carlos Alberto; assim como do funeral, ceremonias da trasladação, e recepção das suas reliquias no Piemonte*. Tradução de A. T. Macedo. Porto, Typ. Commercial, 1850; BASTO, A. de Magalhães — *Carlos Alberto no exílio. Diário do último período da sua vida*. *In* «O Tripeiro», V Série, ano IV, n.º 6 (Outubro de 1948) a n.º 11 (Março de 1849); BASTO, A. de Magalhães — *O Porto do Romantismo*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932, pp. 145-162; VITORINO, Pedro — *A Capela de Carlos Alberto*. *In* «O Tripeiro», IV Série, n.º 1, 1930, pp. 10-12; SÁ, S. Ribeiro de — *Carlos Alberto*. *In* «Revista Universal Lisbonense», 1848-49, pp. 474-475; *Guia Historico do viajante no Porto*. Por Francisco Gomes da Fonseca [Porto, 1864]. A nossa gratidão à Divisão de Cultura e Património da Câmara Municipal do Porto e à Directora do Museu Romântico, Dra. Maria da Luz Paula Marques, por terem permitido a recolha de imagens para este trabalho.

(2) Contamos, num futuro breve, apresentar novas contribuições sobre este monumento.

(3) Estas peças não se vislumbram na imagem porque se encontram em restauro. No entanto, podem ser vistas no artigo de João Paulo Freire, *O Porto e a Casa de Saboia*, na página 55 de «O Tripeiro», V Série, Ano II, n.º 3.